

PROCESSOS IDENTIFICATÓRIOS EM NARRATIVAS MIGRATÓRIAS: O EFEITO UNHEIMLICH NO DISCURSO DE IMIGRANTES VENEZUELANOS EM SANTA CATARINA

Angela Derlise Stübe¹
Leandro Machado Ribeiro Nunes²

RESUMO: Este artigo analisa narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense sobre seu processo migratório e de aprendizagem da língua portuguesa. Metodologicamente, desenvolvemos uma pesquisa de campo, de caráter qualitativo, juntamente com a construção de um corpus discursivo, gerado por meio de entrevistas orais semiestruturadas. O referencial teórico articula o campo da Análise de Discurso franco-brasileira e o da Psicanálise (ORLANDI, 2020; CORACINI, 2003; ROUDINESCO e PLON, 1998). Nas análises, a regularidade resistência, no campo simbólico, aponta para representações sobre língua(s) e sobre si que mostram relações de obrigatoriedade. Por conseguinte, observa-se que tais representações apontam para o efeito Unheimlich enquanto constituinte dos processos identificatórios dos imigrantes venezuelanos.

PALAVRAS-CHAVE: Campo Simbólico; Processos Identificatórios; Das Unheimlich.

IDENTIFICATORY PROCESSES IN MIGRATORY NARRATIVES: THE UNHEIMLICH EFFECT IN THE DISCOURSE OF VENEZUELAN IMMIGRANTS IN SANTA CATARINA

ABSTRACT: This article analyzes narratives of Venezuelan immigrants in western Santa Catarina about their migratory process and learning the Portuguese language. Methodologically, we developed a qualitative field research, together with the construction of a discursive corpus, generated through semi-structured oral interviews. The theoretical framework articulates the field of Franco-Brazilian Discourse Analysis and Psychoanalysis (ORLANDI, 2020; CORACINI, 2003; ROUDINESCO and PLON, 1998). In the analyses, the regularity of resistance, in the symbolic field, points to representations about language(s) and about the self showing relations of obligation. Therefore, it is observed that such representations point to the Unheimlich effect as a constituent of the identification processes of Venezuelan

1 Doutorado em Linguística Aplicada (UNICAMP), docente na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó/SC, no curso de graduação em Letras e no Programa de Pós-graduação em estudos Linguísticos (PPGEL). E-mail: angelastube@gmail.com

2 Doutorando em Estudos Linguísticos no Programa de Pós-graduação em Letras Estrangeiras e Tradução da Universidade de São Paulo. E-mail: axmachadoribeironunes@gmail.com

immigrants.

KEYWORDS: Symbolic Field; Identificatory Processes; Das Unheimlich.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como propósito analisar narrativas de imigrantes venezuelanos para compreender o funcionamento do efeito Unheimlich enquanto constituinte dos processos identificatórios desses sujeitos. Para isso, este trabalho apresenta análises de Sequências Discursivas (SD) relativas a uma pesquisa de mestrado³ conduzida entre os anos de 2021 e 2023 junto ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) sob orientação da pesquisadora Dra. Angela Derlise Stübe, na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no município de Chapecó, SC. Enquanto seu objeto de estudo, a pesquisa focou nas representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos em processo de aprendizagem da língua portuguesa na Pastoral do Migrante no centro de Chapecó.

Para este texto, o foco principal é expor e explanar análises de algumas SD resultantes do corpus da pesquisa desenvolvida, tendo como materialidade discursiva a regularidade resistência enquanto fundante de representações que apontam para o efeito Unheimlich, assim como dissertar sobre como tal efeito de sentido se relaciona com os processos identificatórios do Sujeito Imigrante Venezuelano (SIV). O corpus da pesquisa foi constituído a partir de entrevistas semiestruturadas, com base em roteiro (RES) organizado em 08 provocações (RES 01-08). Essas entrevistas foram posteriormente transcritas e, do gesto de leitura, fo-

ram selecionadas as SD que compuseram o corpus discursivo do estudo.

Para tanto, no intuito de fomentar de forma teórica e metodológica as análises das SD, lança-se mão das contribuições da Análise de Discurso franco-brasileira, doravante AD, (ORLANDI, 2020) atravessada por alguns conceitos da psicanálise (CHNAIDERMAN, 2006; CORACINI, 2003; ROUDINESCO e PLON, 1998). Com base nessa perspectiva, os principais conceitos mobilizados pela pesquisa são: campo simbólico (ROUDINESCO e PLON, 1998), processos identificatórios (CORACINI, 2003), e o estranhamento familiar ou Das Unheimlich (CHNAIDERMAN, 2006).

No que tange a sua estrutura, o artigo apresenta, em um primeiro momento, os principais conceitos mobilizadores das análises para em seguida apresentá-las. Para tanto, este trabalho disserta, primeiramente, sobre o campo simbólico - lugar das representações -, conceito substancial deste trabalho e faz menção aos gestos de interpretação. Em seguida, lança mão de explicações sobre o conceito, na AD e na psicanálise, de efeito Unheimlich; após esta apresentação, o trabalho explana em mais detalhe o que diz respeito aos gestos de interpretação enquanto dispositivo analítico das análises das SD. Em seguida, apresentam-se as SD escolhidas para compor o objeto de análise deste trabalho, a partir da regularidade resistência, suas representações e sua relação com os processos identificatórios do SIV. A partir das análises das SD, expõem-se os resultados alcançados e, por fim, destacam-se as observações finais.

3 Representações sobre língua(s) e sobre si em narrativas de imigrantes venezuelanos no Oeste catarinense (NUNES, 2023), defendida no PPGEL – UFFS, Campus Chapecó/SC em 30 de junho de 2023. Processo de Aprovação no CEP-UFFS 8361322.7.0000.5564

O TRABALHO COM O CAMPO SIMBÓLICO

Lançar mão de gestos de interpretação (ORLANDI, 2020) a partir de um movimento analítico pendular (PETRI e DIAS, 2013) no intuito de se analisar o discurso materializado em narrativas de venezuelanos sobre migração forçada (OLIVEIRA, 2019) na busca por representações sobre línguas e sobre si que apontam para processos identificatórios (CORACINI, 2013, 2015) demanda trabalhar com uma concepção de língua(gem) que abre espaço para efeitos de sentido que se fazem presentes no fio discursivo pela relação que este possui com a exterioridade e com uma noção de sujeito que o concebe enquanto barrado, cindido e clivado pela linguagem e pelo inconsciente (STÜBE, 2008).

No que diz respeito aos modos de se compreender o binômio língua e identidade, em consonância com o que nos aponta Inês Signorini (2006, p. 7), sabe-se que há muito tempo ocorre uma reconfiguração da natureza epistemológica relacionada aos constructos pertinentes aos estudos deste binômio. Desse modo, a autora aponta que tais paradigmas epistemológicos passam por reconfigurações necessárias já que o binômio já “não expressa mais uma relação antes tida como dada, entre unidades também tidas como dadas”, sendo assim, as reconfigurações contemporâneas desses constructos ocorrem pela emergência de novas problemáticas pertinentes à relação língua e identidade.

Em harmonia com o que nos relata Rajagopalan (2006) sobre a problemática da identidade, entende-se que os sujeitos possuem várias matrizes identificatórias, e passam, portanto, por múltiplas identificações. Isto posto, neste trabalho procura-se apreender algumas dessas matrizes, materializadas no discurso por meio das múltiplas vozes presentes nas narrativas dos imigrantes venezuelanos que constituem o corpus de

uma pesquisa realizada no Oeste de Santa Catarina. Nesse cenário, faz-se necessário pontuar que ao se dissertar sobre múltiplas vozes, é preciso notar que estas se constituem “pela dispersão, pela heterogeneidade, inteiramente vinculada ao momento histórico-social e ideológico”, por conseguinte, tais vozes “atravessam, de forma conflituosa e dissonante, a constituição identitária” do sujeito enquanto enunciador (CORACINI, 2003, p. 113).

No que diz respeito ao sujeito enquanto enunciador, em consonância com o que defende Stübe (2008, p. 99), compreende-se que esse sujeito “é constitutivamente múltiplo, heterogêneo, clivado, barrado, não nos é possível falar de identidade como algo acabado, estável e fixo”, à vista disso, ao se abordar a problemática da identidade é preciso atentar para o fato que esta somente pode ser assimilada a partir de “irrupções esporádicas no fio do discurso, quando inconscientemente resvala, na enunciação, a heterogeneidade do discurso do enunciador”. Destarte, neste trabalho, opta-se por trabalhar com a concepção de processos identificatórios⁴, sendo estes relacionados com os modos de subjetivação.

Considerando-se, portanto, uma concepção que abarca a problemática da subjetivação a partir de uma noção que pressupõe a existência de um movimento e de um processo e não simplesmente algo estático e imutável, argumenta-se neste texto sobre processos identificatórios e não sobre identidade. Nessa perspectiva, consoante ao que advoga Coracini (2003), no que diz respeito aos processos identificatórios, acredita-se que a identidade constituinte dos indivíduos atrelados a certa posição-sujeito “se constitui no e do confronto de diversos discursos, que correspondem ao que Foucault denomina de exterioridade”; é também o

⁴ Alguns autores também usam o termo processos de identificação.

próprio sujeito quem constrói sua imagem, que “é representada pelo que Lacan denominou de estágio do espelho, momentos em que o sujeito se vê inteiro, ilusoriamente completo; a identidade do sujeito assujeitada pela ideologia, acreditando ser completo, “não se estabiliza jamais, mas está sempre em processo”; finalmente, considerando-se a profundidade desse processo, somente é possível “vislumbrar pontos de identificação que emergem pela linguagem por onde escapam vozes que constituem a subjetividade e, portanto, o inconsciente, constitutivamente heterogêneo” (CORACINI, 2003, p. 194).

Nessa conjuntura, destaca-se que os processos identificatórios se manifestam no campo simbólico, lugar das representações, espaço que compreende uma dinâmica com as imagens do outro, assim como as de si. Por conseguinte, ao abordar a questão das representações faz-se necessário tocar a questão do simbólico, conceito primordial que norteia os gestos de interpretação das narrativas a serem expostas neste trabalho. Destarte, compreende-se que a ideia

de conferir uma função simbólica aos elementos de uma cultura (crenças, mitos, ritos) e de lhes atribuir um valor expressivo é característica da própria disciplina antropológica. Mas foi na França, com os trabalhos de Marcel Mauss (1872-1950), que se impuseram, frente ao funcionalismo e ao culturalismo das escolas inglesa e norte-americana, as noções de “função simbólica” e “eficácia simbólica”. Depois de Mauss, Claude Lévi-Strauss desenvolveu essa questão, a partir de 1949, trazendo para a antropologia conceitos elaborados pela lingüística moderna, em particular por Ferdinand de Saussure (1875-1913) em seu Curso de lingüística geral, postumamente publicado (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 714, grifos dos autores).

É possível notar, a partir desta explanação, que o interesse sobre o simbólico surgiu originalmente da antropologia. Tal conceito passa a ser utilizado também por Jacques Lacan em 1936 para fazer menção a “um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização” (ROUDINESCO e PLON, 1998, p. 714, grifo nosso). À vista disso, ao abordar as representações (sobre), a partir do suporte teórico da AD franco-brasileira, objetiva-se a construção de um olhar analítico sobre o simbólico.

Nessa perspectiva, finalmente, é possível perceber que as representações se manifestam via simbólico, dessa maneira, compreende-se que elas são (re)criadas e (re)produzidas a partir da dinâmica discursiva, possibilitada por meio de efeitos de sentido que apontam para as regularidades constitutivas da língua(gem). Dessa maneira, torna-se relevante pontuar que as regularidades constituem as imagens que se fazem representar no campo simbólico. Nesse cenário, a partir do que vem a ser as representações, é possível apreender a pertinência que elas possuem para o campo da AD, pois ao falar sobre o simbólico, também vem à baila falar sobre o discurso. Consequentemente, os objetivos deste trabalho se estabelecem a partir desse suporte teórico que abarca a relação que possuem os processos identificatórios com as regularidades e as representações sustentadas no campo simbólico via linguagem.

5 De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Lacan usa o termo simbólico pela primeira vez em 1936 para abarcar toda a noção desenvolvida em seu trabalho estágio do espelho. O psicanalista inscreve a noção de simbólico em uma trilogia, juntamente com as noções do real e do imaginário.

O ESTRANHAMENTE FAMILIAR: DAS UNHEIMLICH

O nascimento do conceito a ser exposto neste tópico é atribuído a uma publicação de Freud que data de 1919, popular entre os estudiosos da psicanálise, conhecida como Das Unheimlich. No que toca a esta publicação, torna-se pertinente apontar o que diz Chnaiderman (2006) sobre a palavra alemã que a constitui, pois ocorre que a primeira dificuldade identificada na publicação de 1919 corresponde, justamente, à sua tradução, fundamentalmente, em lograr um sentido, ao pé da letra, referente ao significante Unheimlich. Isso posto, consoante ao que relata a psicanalista, o “unheimlich é um sentimento advindo de um efeito de estranheza que atinge o conhecido e o familiar, provocando ansiedade”, a partir de tal cenário, a autora desemboca no sentido sobre a palavra a partir do que explana Freud por meio de uma descrição sobre o unheimlich que a percebe enquanto o que provém de tudo aquilo que, “destinado a permanecer em segredo, oculto (...) veio à luz” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 65, grifos nossos).

Nessa conjuntura, Chnaiderman (2006, p. 66) argumenta que é por meio de uma busca nos dicionários da palavra alemã heimlich que a publicação de Freud se inicia, em outros termos, foi diante da etimologia do significante heimlich, que “vem de heim (lar) e significa íntimo, familiar, e também secreto, clandestino, que não deve ser mostrado” que o sentido da palavra em relação à sua aplicação nos estudos clínicos se desenvolve. Nesse contexto, a autora ressalta que Freud procurou outras variantes para Unheimlich em diversas outras línguas, esbarrando em possíveis correlatos e sinônimos, todavia, em se tratando da língua italiana e portuguesa, o psicanalista austríaco afirmou não haver nessas línguas uma palavra compatível a uma tradução completa dessa pa-

lavra da língua alemã.

Em vista disso, no que concerne ao Das Unheimlich, Chnaiderman (2006) ressalta que na edição brasileira do ensaio freudiano encontra-se a tradução O estranho enquanto título principal. Essa tradução, por conseguinte, remete aos sentidos daquilo que se coloca enquanto estrangeiro, externo, admirável, esquisito, misterioso, alheio, desconhecido. Por força dessas questões relacionadas à procura por uma tradução ideal para a palavra, Chnaiderman (2006) decide designá-la respaldando-se nos estudos de Sara Kofman (1974)⁶ que, na língua francesa, fez a tradução do ensaio para l'inquietante étrangeté. A partir desta perspectiva, tal tradução levou também alguns autores a adotar o conceito freudiano enquanto algo da ordem do “estranhamente familiar”; tradução esta que se tornou a forma pela qual a psicanalista, assim como este artigo, opta por designar unheimlich (CHNAIDERMAN, 2006, p. 65, grifos nossos). Ainda no que diz respeito a esse cenário, a autora pontua que ao traçar conclusões sobre a concepção do que é o estranhamente familiar, Freud pontua por meio de uma analogia metafórica que “em tudo que é familiar está sempre contida a idéia de ocultação”, nesse ínterim, ainda em concordância com as contribuições da psicanalista e pesquisadora citada, tanto “Unheimlich e heimlich, seguindo uma ambivalência, acabam se unindo: a partir da noção de familiar, desenvolve-se o conceito de oculto, secreto” (CHNAIDERMAN, 2006, p. 66). Em vista disso, é preciso considerar que essa relação com o estranhamente familiar passa, portanto, pela relação que se dá entre o estranhamento e o sujeito.

Consoante ao que fora exposto e a respeito do sujeito, sublinha-se que há nas leituras de Lacan sobre as obras de Freud questões primordiais pertinentes ao sujeito,

6 Cf. Kofman, Sarah – “Le double e(s)t le diable” in Quatre romans psychanalytiques, Paris, Galilée, 1974.

da linguagem e também da angústia. Pode-se afirmar a esse respeito que tais questões são abordadas de maneira inovadora pelo psicanalista francês, que se fez notar a partir da releitura da obra freudiana. Isto posto, no que passa pelo Unheimlich, em consonância com o que aponta Chnaiderman de acordo com a interpretação lacaniana presente em seu seminário acerca da angústia, o heim em Unheimlich funciona enquanto a casa do homem e

O homem encontra sua casa num ponto situado no Outro, além da imagem de que somos feitos, e este lugar representa a ausência em que estamos (...) se apropria da imagem que a suporta e a imagem especular torna-se a imagem do duplo com aquilo que ela traz de estranheza radical (...) nos fazendo aparecer como objeto por nos revelar a não-autonomia do sujeito. (CHNAIDERMAN, 2006, p. 67)

A partir do que é declarado na citação e em consonância com o que é apontado por Stübe (2008) sobre o Outro, faz-se pertinente ressaltar que ao se trazer à baila este conceito, o que ocorre é uma referência às relações com o Outro e com os outros. Nesse ínterim, segundo Stübe (2008), a “noção de Outro remete ao Inconsciente, e a de outro aos diferentes enunciadores, construídos imaginariamente”, por conseguinte, uma vez que neste trabalho focalizam-se as relações com o outro via linguagem, torna-se mais apropriado “utilizar o termo ‘outro’, ao invés de Outro (inconsciente)” (STÜBE, 2008, p. 99, grifos da autora).

GESTOS DE INTERPRETAÇÃO: RESISTÊNCIAS E O EFEITO UNHEIMLICH

No intuito de se depreender a questão ideológica inscrita na interpretação em sua relação com a AD, Orlandi (2020, p. 65) argumenta que tal problemática se faz pertinente porque, consoante a Michel Pêcheux,

ela remete às questões relacionadas à significação, “pensando a relação da língua, de um lado, com a lalangue (o inconsciente) e, de outro, com o interdiscurso (a ideologia)”. A partir desta perspectiva, a autora pontua, que “inconsciente e ideologia estão materialmente ligados” (ORLANDI, 2020, p. 65). Por conseguinte, a relevância de se compreender qual é o espaço da interpretação, constitutiva da língua, em se tratando da prática com as análises, pode ser abstraída a partir do seguinte pensamento:

a compreensão do lugar da interpretação nos esclarece a relação entre ideologia e inconsciente, tendo a língua como lugar em que isso se dá, materialmente. A ordem simbólica, configurada pelo real da língua e pelo real da história, faz com que tudo não possa ser dito e, por outro lado, haja em todo dizer uma parte inacessível ao próprio sujeito. (ORLANDI, 2020, p. 65)

Em vista disso, o que se declara a partir da relação entre sentido e sujeito é que ambos são constituídos pela interpretação, ou seja, “a interpretação faz o sujeito, a interpretação faz sentido” (ORLANDI, 2020, p. 85, grifos da autora). Nessa conjuntura, estabelece-se que a construção do dispositivo da interpretação modifica a posição do leitor para um outro lugar, edificado pelo analista. No que diz respeito a essa mudança de posição, podendo ser apreendida enquanto um deslocamento, ou seja, enquanto lugar do sujeito/lugar do analista, faz-se relevante notar que ela (re)vela a alteridade do pesquisador. Em outros termos, tais posições, em diferentes espaços, mostram a leitura outra que o sujeito/analista pode desenvolver a partir do dispositivo da interpretação. Nessas condições, essa leitura “trabalha o efeito da objetividade, levando em conta o deslize, o equívoco, a ideologia” (ORLANDI, 2020, p. 85). Isso exposto, neste texto buscamos, portanto, por esse deslocamento, por essa

alteridade presente na leitura do pesquisador, uma leitura outra, que se manifesta pelo dispositivo da interpretação, via gestos de interpretação. Em consonância com os conceitos até aqui expostos, apresentam-se algumas SD que viabilizam gestos de interpretação, a partir da materialidade de seu fio discursivo, que mobilizam, a partir da regularidade resistência, representações sobre língua e sobre si que apontam para o efeito Unheimlich, enquanto sentido constituinte dos processos identificatórios dos participantes envolvidos na pesquisa desenvolvida no Oeste de Santa Catarina com imigrantes venezuelanos. As narrativas se dão a partir de 08 provocações organizadas em um Roteiro de Entrevista Semiestruturada (RES) e para cada uma foi atribuído um número de identificação, ou seja, à segunda provocação fora estabelecida a identificação RES 02. Neste artigo, adotamos as identificações tais como se desenvolveram na pesquisa da qual se originam.

As provocações foram feitas pelo entrevistador e pesquisador, identificado enquanto Sujeito Entrevistador (SE), por conseguinte, as narrativas foram feitas pelos entrevistados, os participantes da pesquisa, imigrantes venezuelanos em processo de aprendizagem de língua portuguesa na Pastoral do Migrante, no município de Chapecó no Oeste de Santa Catarina. Estes participantes são designados como Sujeito Imigrante Venezuelano (SIV) e, como a pesquisa foi feita com 06 participantes, assim como na pesquisa original, atribuímos aos sujeitos a mesma referência identificada na pesquisa, ou seja, o primeiro participante, Sujeito Imigrante Venezuelano 01, é designado como SIV-1. Seguem, portanto, as SDs7 estabelecidas como objeto deste trabalho.

7 No intuito de se organizar melhor as SD, estas serão desenvolvidas neste trabalho a partir de uma nova numeração, começando-se assim desde o início, a partir da número 1.

me fala um pouco sobre seu contato com/a língua portugue::sa... (SE / RES 02)

como apren/é:: de aprender? (SIV-1 / RES 02)

É...como foram as primeiras experiên::cias ao tentar se comunicar no Brasi::l? (SE / RES 02)

SD1: por::... porque eu falava que eu ia trabalhar uns meces aqui no Brasil em Boa Vista e de/aí eu bou boltar pra Venezuela... entendeu? que passa que depo::is nós começamo a falar con mia mae por telefone ela estava lá na Venezuela e ela falava que Venezuela tava mu::ito ru::im a gent/ava passando muito fome...que melhor que nós ficamos lá/aqui no Brasil... entón diá mia mente tava ficando que tem que:: ficar aqui... tem que fica/ate que/éu fiquei... de aí eu falei con:: con:: o patrón... nós falamo la patrón de la facenda que eu queria aprender português...aí aí eu cambiei... outro pensar... (SIV-1 / RES 02)

SD2: mas A PRINCÍPIO EU NO GOSTEI porqu/eu::: eu pensava que no iba:: a ficar aqui no Brasil... não não vou aprender porque não vou fiCAR... de::pois quando eu vi a situação da mia família eu... tem que ficar... tem que aprender... mas... eu é con () con personas boas... (SIV-1 / RES 02)

e : como que... fala um pouco sobre seu conta: :to com a língua portuguesa... ah: : como você começou a aprender/você começou a aprender na Venezue: : la... e : como que foi esse contato aqui no Brasil também: : essas eh: : você tentava falar PORTUGUÊS: : eh: : o quê que acontecia? como que você começou a tentar falar português?... (SE / RES 03)

SD3: si porque:::... como falei antes eu diá queria vir para o Brasil... e diá meu namorado também estava aqui... então eu:: diá tenia como que una idea que algum dia eu bou biazar pra Brasil ou:: eu eu é outro idioma então tem que ESTUDA::R eu tenho que APRENDE::R TUDO DE NOVO... EU

ACHEI QUE ERA MAIS DIFÍCIL MAS AGORA QUE IO ESTOI AQUI:... eu eu penso que pode ser QUASE IGUAL... (SIV-2 / RES 03)

Nota-se a partir dos recortes expostos que ao responderem às provocações RES 02 e 03, tanto SIV-1 como SIV-2 trazem em suas narrativas marcas linguísticas que correspondem a efeitos de sentido no tocante a relações de obrigatoriedade perante o outro. Nesse sentido, esses efeitos manifestam-se por meio do verbo ter em locução com a conjunção que, ou seja, um ter que. Deste modo, em SD1 há o enunciado tem que:: ficar aqui...tem que ficá/ate que/éu fiquei e na mesma linha de pensamento, em SD2 o SIV-1 também enuncia tem que ficar... tem que aprender... mas... eu é con () con personas boas, e por último, em SD3 há o trecho tem que ESTUDA: :R eu tenho que APRENDE: :R TUDO DE NOVO, que se materializa no campo simbólico de SIV-2.

Destarte, compreende-se que as relações discursivas presentes nas narrativas apontam para efeitos de obrigatoriedade. Nesse ínterim, tal efeito é veiculado pela expressão tem que, recorrente nessas SD. Outrossim, esta formulação no intradiscurso, no seu jogo com o dizer, aponta para uma outra questão já que a obrigatoriedade se manifesta no campo simbólico dos SIV de modo que esboça a maneira pela qual a relação do sujeito com o outro se constitui. É possível perceber, então, uma relação de resistência frente à língua do outro, à LE. No que diz respeito à questão da resistência à língua do outro, faz-se pertinente neste ponto lançar mão das contribuições de Revuz (2006)⁸ sobre esta temática, mais precisamente expostas em artigo que trata dos motivos que tangenciam as taxas de insucesso na aprendizagem de línguas estrangeiras.

Nesse cenário, ao discorrer acerca dos

8 Cf. Christine Revuz (2006) em artigo intitulado A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio.

desafios de se aprender uma LE, a autora defende que a língua, enquanto objeto de conhecimento intelectual, se faz também como o objeto de uma prática. Desse modo, conforme aponta a autora tal “prática é, ela própria, complexa”, pois ela toca uma prática “de expressão, mais ou menos criativa” e então “solicita o sujeito, seu modo de relacionar-se com os outros e com o mundo”, por conseguinte a “aprendizagem mobiliza, em uma interação necessária, dimensões da pessoa que geralmente não colaboram, nem mesmo convivem, em harmonia” (REVUZ, 2006, p. 216-217). Nessa conjunção, Christine Revuz (2006, p. 217) advoga que o sujeito “deve pôr a serviço da expressão de seu eu um vaivém que requer muita flexibilidade psíquica entre um trabalho de corpo” que passa por questões de ordem fonética e fonológica em conjunção com todos os tipos de articulações possíveis em seu aparelho fonador, além de ter de se mobilizar em um trabalho que envolve a prática de se memorizar as estruturas linguísticas. A partir disso, a autora traz à baila a hipótese de que muitos dos insucessos na aprendizagem de línguas estrangeiras “podem ser analisados como uma incapacidade de ligar essas três dimensões: afirmação do eu, trabalho do corpo, dimensão cognitiva” (REVUZ, 2006, p. 217).

A partir do argumento defendido por Revuz (2006), é possível fazer uma ligação com o que se denomina enquanto resistência no que se refere a esta enquanto regularidade presente nas SD. Desse modo, a partir do que defende Revuz (2006) pode-se compreender que o exercício pretendido por meio do processo de aprendizagem de uma LE se mostra frágil. Nesse cenário, tal fragilidade ocorre porquanto “ao solicitar, a um tempo, nossa relação com o saber, nossa relação com o corpo e nossa relação com nós mesmos”, nexos e associações que surgem e se fazem presentes na trajetória

de um aprendiz, quando este se posiciona enquanto um “sujeito-que-se-autoriza-a-falar-em-primeira-pessoa”, fazem-se necessárias a esta tomada de posição as mesmas essências que constituem nossa estruturação psíquica, em outros termos, é preciso que ocorra “aquilo que é, a um mesmo tempo, o instrumento e a matéria dessa estruturação: a linguagem, a língua chamada materna” (REVUZ, 2006, p. 217).

Portanto, a partir da enunciação de SIV-2 em SD3, que se manifesta a partir de uma tomada de posição, por meio do trecho tem que ESTUDA: :R eu tenho que APRENDE: :R TUDO DE NOVO, vislumbra-se uma determinada relação. Pode-se dizer, por conseguinte, que esta relação busca por um encadeamento desse algo novo, representado enquanto o processo de aprendizagem de uma LE, com um tudo de novo, pois nota-se, por meio da formulação no intradiscurso, presente no enunciado de SIV-2, que ocorre novamente um processo que remete o sujeito ao seu primeiro processo de aprendizagem da LM. Portanto, a partir dessas explanações, percebe-se que SIV-2 se refere ao processo de aprendizagem da língua espanhola, na Venezuela. No que tange a esse processo, especificamente, pode ser pontuado, consoante as ideias de Revuz (2006, p. 2017, grifos nossos), que “toda tentativa para aprender uma outra língua vem perturbar, questionar, modificar aquilo que está inscrito em nós com as palavras dessa primeira língua” e se há perturbações e incômodos, há resistências.

Nessa conjuntura, a regularidade resistência, identificada nas SD acima a partir de sua materialidade linguística na relação metafórica com o tenho que, evoca, ou seja, traz à lembrança o já-dito, constituinte da memória via interdiscurso e que, a partir da exterioridade traz à baila efeitos de sentido que tocam relações de obrigatoriedade. Dessarte, a memória se materializa ao se

fazer elaborar no intradiscurso de SIV-1 e SIV-2. Por conseguinte, no que tange a essa elaboração intradiscursiva e como esta se organiza em torno do complemento frasal tudo de novo, pode-se perceber que ocorre a partir da materialidade linguística, algo que nos remete a sentidos que se imbricam na relação com a obrigação, o dever, a missão, a tarefa, o trabalho, a responsabilidade.

A partir do que foi exposto nas narrativas, consoante aos pensamentos de Revuz (2006, p. 223) é possível perceber que “pela intermediação da língua estrangeira se esboça o descolamento do real e da língua”, sendo assim, “o arbitrário do signo linguístico torna-se uma realidade tangível, vivida pelos aprendizes na exultação... ou no desânimo”. Nesse cenário, tal arbitrariedade atribuída ao signo linguístico – primordialmente no que tange ao seu aspecto não transparente, ou seja, cujo efeito de sentido não pode ser controlado – aponta para representações sobre língua e sobre si por meio das narrativas dos SIV. Isso exposto, considera-se, a partir da regularidade resistência, que tais representações também nos remetem a sentidos em torno do (não) familiar, da (in)segurança e do (des)acolhimento: representações que nos remetem ao Unheimlich.

A partir do que foi argumentado e considerando as SD expostas neste artigo, ao discorrer sobre o conceito de unheimlich, o que vem à baila é justamente a problemática em torno dos efeitos de sentido provocados por este significante, mais precisamente, quando se percebe que na construção de seu enunciado o sujeito adota uma posição em seu discurso que aponta para regularidades que se manifestam enquanto representações sobre língua e sobre si que se constituem em uma relação com o outro determinada por dizeres que evidenciam situações de (des)acolhimento e (in)segurança. Isto posto, faz-se importante

perceber que esses efeitos de sentidos não se constituem nos enunciados apenas a partir de uma perspectiva enunciativa do heim, ou seja, da segurança e do acolhimento de um lugar familiar. Na realidade, o que se faz representar nos dizeres dos SIV, por meio de resistências, é algo que se manifesta a partir da falta nessa relação com o outro. Portanto, que a falta em questão está presente no prefixo negativo, un, em alemão, sendo que ela aponta para um outro e novo olhar sobre os enunciados das SD observadas: há nas narrativas efeitos Unheimlich de sentido que passam a tocar o que diz respeito à incerteza, à insegurança, ao não acolhimento, ao estranho, ao não familiar, à resistência e ao perigo. A partir de tudo o que fora exposto até aqui, o que se pode concluir, então, a respeito do efeito Unheimlich e os processos identificatórios presentes nas narrativas dos imigrantes venezuelanos?

CONCLUSÃO

Consoante ao objetivo estipulado por este trabalho, ou seja, discutir como o efeito Unheimlich se manifesta nos processos identificatórios de imigrantes venezuelanos em Santa Catarina, foram apontadas, a partir da análise das narrativas desses imigrantes, representações sobre língua(s) e sobre si que registram no campo simbólico dos participantes, algo do estranhamente familiar que constitui o sujeito via linguagem.

Ao se observar que as representações, em consonância com o que diz Coracini (2015), são da ordem das imagens de si e do outro – pois ao falar do outro, ao narrar sobre o outro, o sujeito também narra e fala sobre si – há nas narrativas dos SIV representações sobre língua(s) e sobre si que nos apontam para o Unheimlich, ou seja, para tudo aquilo que é da ordem do estranhamente familiar e que se faz elaborar no intradiscurso dos SIV analisados a partir de marcas linguísticas

que evidenciam resistências por haver estranhamento.

Nesse íterim, as regularidades apontadas neste trabalho também se fazem resistir no fio discursivo via construções em torno de relações de obrigatoriedade que evidenciam a resistência do sujeito em relação ao outro, à LE. Nessa conjuntura, a língua para os SIV passa por esse lugar do que é estranhamente familiar, pois é falada por um sujeito ora estranho, ora ilusoriamente conhecido.

Pode-se observar nessa mesma linha de pensamento que a partir da regularidade resistência, em sua representação enquanto efeito Unheimlich, que o estranhamente familiar sobre a língua também apontam para um sujeito que se estranha nesse lugar do outro já que as regularidades possibilitam (des)velar as resistências presentes na travessia simbólica constitutiva dos processos identificatórios pelos quais passam os Sujeitos Imigrantes Venezuelanos. Portanto, as regularidades apontam para representações que são da ordem da falta, da angústia, destarte, elas se imbricam no campo de uma travessia simbólica que passa pelo outro, que no caso deste artigo se manifesta primordialmente enquanto a LE estranhamente familiar que (re)constitui os participantes via língua(gem).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHNAIDERMAN, Miriam. Língua(s) - Linguagem(ns) - Identidade(s) - Movimento(s): Uma abordagem psicanalítica. In: SIGNORINI, Inês (org.). Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. p. 47-67.

CORACINI, Maria José (org.). O desejo da teoria e a contingência da prática: discursos sobre e na sala de aula (língua materna e lín-

gua estrangeira). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

CORACINI, Maria José. Representações de professor entre o passado e o presente. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, ano 2015, v. 23, n. 1, p. 132-161, 16 jun. 2015. DOI <https://doi.org/10.17058/rea.v23i1.5635>. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/5635>. Acesso em: 24 abr. 2022.

OLIVEIRA, Antônio. A migração venezuelana no Brasil: crise humanitária, desinformação e os aspectos normativos. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas*, [s. l.], ano 1, v. 13, p. 219-244, 29 abr. 2019. DOI <https://doi.org/10.21057/10.21057/repamv13n1.2019.24297>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/24297/21616>. Acesso em: 12 jan. 2023.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2020. 163 p. ISBN 97885-7113-188-0.

REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio: Identidade e aprendizagem de língua. In: SIGNORINI, Inês. *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Tradução: Silvana Serrani-Infante. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006. cap. Parte III, p. 213-230. ISBN 85 85725-41-9

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1998.

SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. 384 p. ISBN 85 85725-41-9.

STÜBE, Angela Derlise. *Tramas da subjetivi-*

dade no espaço entre-línguas: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração. Orientador: Maria José Rodrigues Coracini. 2008. 243 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2008. DOI <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2008.426694>. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/426694>. Acesso em: 9 fev. 2023.

Submissão: agosto de 2023.

Aceite: agosto de 2023.